

OS MOTIVOS PARA A PERPETUAÇÃO DO SILÊNCIO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Vanessa Vieira da Silva ¹

Renan Mendonça Alves ²

Rubya Souza Garcia ³

Luan da Silva Viana ⁴

Monique Soares Vieira ⁵

Resumo:

O presente trabalho possui a intencionalidade de refletir acerca das múltiplas expressões da violência sexual que acometem crianças e adolescentes, analisando-a enquanto uma expressão da violência socialmente construída ao longo da história de uma sociedade marcada pelo sistema patriarcal. Entendendo que até algumas décadas atrás crianças e adolescentes não eram vistas como seres dotados de direitos e necessitados de cuidados, mas sim como seres inferiores em relação aos adultos, segundo SAFFIOTI(2007) a sociedade legitima o adultocentrismo e androcentrismo(a super valorização do homem), validando ao homem o direito de exercer o papel de superioridade sobre mulheres, crianças e adolescentes alimentando o patriarcado e sua reprodução. As presentes discussões também versam das vistas aos motivos que dificultam o do rompimento do silêncio e a falta de credibilidade da criança/adolescente, diante do relato de abuso, e o quanto essa falta de confiabilidade pode se tornar uma ferramenta nas mãos do indivíduo que comete a violência para que se perpetue, inclusive coagindo e chantageando para que a vítima permaneça e aceitem esse ciclo de violência.

Palavras-chave: Criança e Adolescente; Violência Sexual; Denúncia; Silêncio.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

OS MOTIVOS PARA A PERPETUAÇÃO DO SILÊNCIO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

¹ Aluno de graduação. vanessavieirasb2@gmail.com. Autor principal

² Graduação. renan12nio@gmail.com. Co-autor

³ Graduação. rubyagarcia@gmail.com. Co-autor

⁴ Graduação. vianaluan99@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. moniquevieira@unipampa.edu.br. Orientador

OS MOTIVOS PARA A PERPETUAÇÃO DO SILÊNCIO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui a intencionalidade de refletir acerca das expressões da violência sexual praticada contra crianças e adolescentes, assim como a dificuldade que as mesmas encontram em romperem com o silêncio, envolvendo muitas vezes a vítima em um ciclo de violência e segredo. Tendo em vista que grande parte dos relatos das vítimas são desacreditados por parte da família e indivíduos/as de seu meio.

A violência sexual se trata de um fenômeno histórico-social intrínseco nas relações cotidianas, revelando a existência das relações de poder, da desigualdade de gênero e de meios de coerção, observa-se que por trás de agressores do sexo masculino que exercem o domínio e posse sobre mulheres e crianças, existem características e experiências pessoais de vida que os levam a cometer vitimizações sexuais.

O debate contido neste trabalho, é enriquecedor e necessário, propicia reflexões para vários níveis de enfrentamento do fenômeno, desde a dimensão da prevenção e do atendimento a crianças, adolescentes e suas famílias, até a responsabilização dos agressores sexuais. Assim, evidenciando a importância do estudo, pesquisa e levantamento de dados, dando visibilidade e desmistificando o assunto já que, segundo o Disque 100: 24% das denúncias estão relacionadas ao abuso sexual de crianças e adolescentes.

2 METODOLOGIA

O presente estudo possui enfoque exploratório, utilizando-se do procedimento metodológico de revisão bibliográfica. Os/as autores/as utilizados/as foram escolhidos por ser referência no Serviço Social sendo eles/as de grande relevância na literatura Nacional, também portadores/as de discussões relevantes e atualizadas, e por meio de questões norteadoras. As escolhas das obras foram por conveniência, conseguidas por meio de locação na biblioteca e acessos online, parâmetro temporal de 15 últimos anos.

Para a análise da realidade, utilizou-se o método dialético-crítico muito utilizado no campo do Serviço Social e suas categorias nucleares: Historicidade, Totalidade, Contradição e Mediação, que nos permitem analisar a realidade como sendo um processo histórico.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A violência sexual trata-se de uma das mais perversas formas de violência, pois se aborda de um fenômeno complexo e de múltiplas expressões, onde o autor/a de tal violação se utiliza de crianças e ou adolescente, com o objetivo de satisfazer seu desejo sexual. Já que as vítimas não possuem maturidade para dar seu consentimento à prática, ele/ela se utiliza de força física, chantagem, e ou coação, para cometer a violação, que é estabelecida por meio de sua condição de poder em relação à vítima.

O abuso pode se dar de forma, física que incluem carícias nos órgãos genitais, tentativas de relações sexuais, masturbação, sexo oral, penetração vaginal e anal, estupro e outras, ou sem contato como: assédio, exibicionismo, voyeurismo entre outras.

Tais violações supra-citadas acometem crianças e adolescentes de ambos os sexos, independente de classe social, porém pesquisas apontam a pobreza e a exclusão social como fatores que vulnerabilizam a vítima. O abuso sexual deixa sérias marcas no desenvolvimento cognitivo, comportamental e físico por vezes com consequências permanentes.

Historicamente a criança ou adolescente não era visto como um ser dotado de direitos e merecedor/a de proteção, mas como uma propriedade e até mesmo um ser inferior em relação aos adultos, como se fosse de fato uma propriedade, posicionamento que só fora alterados de acordo com a criação de legislações de proteção, porém até os dias atuais muitos pais ou responsáveis se sentem como proprietários tendo direito inclusive de se utilizar de castigos físicos e ou psicológicos como forma de educar.

Tal postura é reforçada por uma sociedade machista e patriarcal, e resultado das relações socialmente construídas de forma assimétricas, tal posicionamento da sociedade incita e de certa forma legitima a perpetração da violência. “a educação adultocêntrica, centrada no adulto e não nas necessidades de desenvolvimento das crianças, legitimando o uso indiscriminado de práticas violentas como formas de educação de crianças e adolescentes” (VIEIRA, 2015, p. 101).

A culpa e vergonha são sentimentos carregados pelas crianças sexualmente vitimizadas, muitas delas equivocadamente se responsabilizam pela violência, seja por não conseguir evitar que o ato ocorra, por terem sido desejadas, ou até mesmo diante do estímulo terem sentido algum tipo de satisfação durante a violação, levando a se culpar por qualquer situação negativa que possa ocorrer em sua vida.

A sexualidade pode ser compreendida como um aspecto biológico humano/a com maior ou menor intensidade durante seu desenvolvimento, o funcionamento sexual desempenha capacidade de um indivíduo responder sexualmente satisfação sexual. Conforme descobre seu corpo a sexualidade começa a aflorar, em torno dos quatro anos de idade, portanto quando ocorre o abuso, sendo estimulada a criança pode sentir algum tipo de satisfação durante o ato e passa a descobrir o prazer antes mesmo de seu desenvolvimento, tais sensações geram um processo de culpa e vergonha, fortalecendo ainda mais a dificuldade de revelar a violência.

É frequente diante da existência do abuso sexual firmar-se um pacto de silêncio sobre o assunto, esse é um dos fatores que torna extremamente difícil para a criança romper com o segredo, principalmente quando acontece por alguém que a vítima ama ou confia, assim calando-se seja por medo de ser desacreditada ou por diversas ameaças que possam ser feitas, podendo até mesmo voltar atrás em suas palavras por pressões do violador ou até por pessoas de seu meio de convivência.

Pode-se dizer que manter o pacto do silêncio trata-se de um dos fatores que mais favorecem a continuidade e reprodução do abuso, esse silêncio é mantido em grande parte pelo sujeito que comete a violência, a vítima e os membros envolvidos na dinâmica, muitas vezes revelar o abuso se torna mais um obstáculo a ser enfrentado, fazendo parte de um ciclo de revitimização que se alternam entre abusos, omissão e ameaças.

A escuta da criança e adolescente vítima de abuso sexual é delicada e complexa, uma vez que a maior parte dos casos de abuso sexual ocorre no âmbito familiar e ou entre pessoas próximas, o que complexifica ainda mais as condições para que a vítima fale sobre o abuso, uma vez que sem compreender sua sexualidade muitas vezes sequer consegue compreender ou identificar a diferença entre um carinho a um toque violador, podendo levar meses e até anos para de alguma forma notificar o abuso.

Muitos fatores implicam para que os relatos de abuso não sejam considerados e acreditados pelos pais, a descoberta do abuso sexual se trata de um processo complicado de aceitação para a família, que normalmente absorve aos poucos a revelação, juntando os fatos, percepções, como em um doloroso quebra-cabeça, já que na maioria das vezes a pessoa que

cometeu o abuso se trata de uma pessoa que possui algum tipo de vínculo com a vítima, fatores como dependência emocional, financeira, medo de exposição ou estigma da família, entre outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos feitos a partir das bibliografias revisadas demonstram que o abuso sexual trata-se de uma expressão da questão social, de extrema complexidade com determinações históricas e sociais. O que também se pode ver é que muitas vezes as famílias das crianças ou adolescentes vítimas de abuso sexual demoram ou até mesmo se negam a fazer a denúncia, não se tratando apenas de uma situação negligência, mas que existem muitos fatores além dos aparentes implicam para esse posicionamento, fatores esses arraigados nas relações socialmente construídas. “A gama de fatores que influenciam no acometimento das expressões da violência é diversificada, portanto, transcende aos fatores psicológicos, incluindo-se neste rol fatores sociais, econômicos e culturais” (VIEIRA, 2015, p. 139).

REFERÊNCIAS

BRASIL, Balanço disque: 100 Disponível Dados atualizados em 08 de agosto de 2018, com informações até o 2º semestre de 2018. DISPONIVEL em: < <http://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>> Acesso em: 08/09/2018 às 18:47.

FERRARI, C.A, DALKA; VECINA, C, CTEREZA. **O fim do silêncio na violência familiar: Teoria E Prática**. São Paulo: Agora, 2002.

SAFFIOTI H.I.B. & ALMEIDA S.S. Brasil: A síndrome do pequeno poder. IN: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira (org). **Crianças Vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 2007.

VIEIRA, Monique Soares. **Rompendo o silêncio: o enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil no âmbito dos CREAS tocantinenses**/Monique Soares Vieira. – Porto Alegre, 2015.

VIVARTA, Veet. **O Grito dos Inocentes: Os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2003.